

A épica quinhentista em português¹

A fábrica de heróis.

Este ensaio usa a expressão “fábrica de heróis” nos sentidos que o Dicionário do Bluteau, do início do século XVIII, dá à palavra:

Fábrica: construção, estrutura, composição. Mas também arte, artifício, labor, feitio. Ou ainda, no sentido moral: ideias, desenhos.

Este é o sentido que António José Saraiva – um dos maiores críticos da literatura portuguesa, a quem sempre retorno – dá a um dos seus ensaios, intitulado “ A fábrica d’*Os Lusíadas*”. Nesse ensaio, analisando a composição d’*Os Lusíadas*, opõe o poema épico à lírica, como espaço da subjetividade autoral, para afirmar o objetivismo da épica, com suas imobilizadoras noções de altura, altivez, heroicidade, virilidade, força. Em certo momento, ao analisar a fala final do velho do Restelo, no canto IV d’*Os Lusíadas*, afirma:

Os Portugueses triunfaram onde Prometeu, Ícaro ou Faetonte se perderam. Mas o Velho do Restelo parece vaticinar uma queda para além da história, para além do Poema, uma queda que já não cabe no Poema, porque o seu pressentimento pertence ao mundo íntimo da *Lírica*, que é o canto do Desconcerto inevitável do mundo, o canto da sem-razão. Não há bem que sempre dure, a altura atrai o precipício, mas isto são reflexões que não têm lugar num poema épico.²

Neste ano de 2023, em que tanto temos a comemorar no nosso país, quero que esta minha fala sirva da homenagem aos trinta anos da sua morte, ocorrida em 1993. Minha homenagem passa por dizer que não posso concordar com essa sua afirmação, pois considero que a queda, a sem-razão, a derrota está no cerne mesmo da épica. E vou tentar expor aqui meus motivos, com uma apreciação sobre a violência imperial na épica portuguesa do Quinhentos.

Na segunda metade do século XVI, a épica tem um grande influxo, sobretudo no mundo ibérico. Não falo das canções de gesta medievais, mas da

épica de princípios aristotélicos, que alguns denominam “épica culta”, uma vez que, por ser escrita, diferencia-se da oralidade predominante nos poemas heroicos do período anterior. Essa épica surgida no chamado renascimento é devedora, evidentemente, da leitura da *Poética* de Aristóteles que estabelecia novos parâmetros para a poesia, desvinculando-a da musicalidade e da exigência dos versos, para dotá-la de um princípio maior e filosófico a que chamou de *mimesis*, ou imitação. A partir desse princípio, são reconhecidos os principais gêneros poéticos, quais sejam, a tragédia, a comédia e a épica. A lírica e suas diversas espécies poéticas, que tão grande desenvolvimento tivera nas línguas vulgares com a poesia trovadoresca, não encontra lugar no sistema aristotélico. Na *Poética*, lembrando, os poemas são classificados segundo os meios, os modos e as coisas sobre as quais se faz a imitação.

Meios: o ritmo, o canto e o metro

Coisas: homens que praticam ações superiores, inferiores, ou iguais; e

Modos: narrativo ou dramático

Para a poética aristotélica, então, a tragédia é o gênero mais elevado de poesia, mas assim não pareceu aos comentadores do século XVI. Os preceptistas ibéricos e italianos dos séculos XVI e XVII – e penso em Scaligero, Castelvetro, Viperano, López Pinciano, Pontano, e Manuel Pires de Almeida, entre tantos outros – concordavam em que, dentre os gêneros da Antiguidade, o épico era o mais afeito aos tempos modernos, como não o podia ser a tragédia, nem a lírica. O épico aparecia como o gênero mais elevado tanto pelas suas ações (*mythos*), como por seus caracteres e pela elocução – ao passo que a tragédia, com suas ações criminosas³ (irmão que mata irmão, filho que mata o pai, ou a mãe um filho etc.), não convinham ao decoro desses tempos cristãos, ou melhor, de um cristianismo contra-reformado; a lírica, por sua vez, gênero gracioso mas inferior, tratava de amores e afetos juvenis, não se prestando à excelência da gravidade poética. Por isso, os melhores poetas aventuraram suas musas a tratar da mais alta poesia, a épica, desde Ariosto, passando por Tasso, Ercilla,

Jerônimo Corte-Real e Camões, uma vez que nela se mostrava (e cito Pires de Almeida) “heróis gravíssimos, só por persuadir aos príncipes com seu exemplo a que os imitem nas virtudes heróicas em que os introduzem”.⁴ Quer dizer, na epopeia, mesmo havendo a presença de um protagonista, a ênfase é dada ao coletivo dos heróis, à ação guerreira, cujo exemplo induzirá os príncipes a imitá-los. Os modelos dessa épica moderna eram a *Iliada* e a *Odisséia*, pelo lado grego, mas principalmente sua refação latina, a *Eneida*.

A epopeia de Virgílio, lembremos, unia a *Odisseia* – representada pela viagem marítima de Eneias desde Troia até a Itália, com suas aventuras, perigos e amores a Dido – à *Iliada* – representada pela guerra empreendida pelo invasor troiano ao rei Turno, aliado dos etruscos, que é derrotado e morto por Eneias na última linha do poema. A vitória de Eneias sela o fim da viagem, ao mesmo tempo que marca o início do império romano. O herói piedoso, respeitador dos vates, fundador da nação e do império é em sua totalidade o mesmo desprezador do amor feminino, perseguidor da glória e destituído de compaixão pelo inimigo. Nada muito distinto do Aquiles grego, implacável com os troianos, embora dotado de um caráter “bom”, ético. Não obstante a crueza guerreira que exhibe – dilacerando vingativo o cadáver do inimigo morto – cumpre com o dever perante os deuses de devolver os despojos do inimigo ao pai que lho suplica. Por sobre a ética, porém, está a conquista, a vingança, o poder e a fama da pátria, que, enquanto canto de exaltação a um coletivo, são as virtudes que a épica reconhece. É na sua esteira que as epopeias novilatinas se inspiram. Mas cada uma a seu modo: umas enfatizando o legado da *Odisseia* e, outras, o da *Iliada*. Vou dar dois exemplos, *Os Lusíadas*, imitando a *Odisseia*, e *O Segundo Cerco de Diu*, imitando a *Iliada*.

Como é sabido, *Os Lusíadas* imitam sobretudo a primeira parte da *Eneida* (e, por conseguinte, a aventureira *Odisséia*), remetendo a história da consolidação imperial portuguesa para um momento ulterior, profético. A

viagem do Gama – inaugural, fundacional – não contempla as guerras de conquistas, não contempla os naufrágios, as mortes, a não ser como advertências, ou histórias passadas. Esta é a estratégia de Camões para fazer conter a derrota no interior do poema. É o caso das profecias dos naufrágios de Bartolomeu de Magalhães, d. Francisco de Almeida e Manuel de Sepúlveda, proferidas pelo Adamastor no canto quinto, e das guerras contra muçulmanos e hindus profetizadas pela deusa Tétis no último canto, o décimo. Ou ainda das guerras fundacionais do Reino de Portugal, ocorridas no passado contra Roma, contra os reis árabes e os castelhanos, narradas por Vasco e Paulo da Gama, nos cantos terceiro, sexto e sétimo.

Guerras e mortes atuais, são, porém, matéria de outras epopeias, como as de Jerônimo Corte-Real. Isso fez que alguns comentadores contemporâneos, como o já citado Manuel Pires de Almeida, ousasse dizer que *Os Lusíadas* não eram uma épica perfeita, visto estar a guerra fora da narrativa central, sendo mera alusão, pouco mais que horizonte. Aliás, a mesma censura já se fizera à *Odisseia* homérica, tida por inferior à *Iliada*, apesar da maior preferência popular por aquela. À semelhança da *Iliada* e da *Eneida*, bem como da moderna *Jerusalém Libertada*, de Torquato Tasso, a matéria mais apropriada à épica sempre seria batalhas de heróis – e não assuntos de religião, de aventuras ou amores –, embora esses pudessem se revestir de uma dicção épica. Perfeita seria a epopeia que mesclasse guerras verdadeiras com o maravilhoso poético, tendo por protagonistas reis e heróis que desempenhassem ações superiores, e cujo fim fosse confortador. Nesse sentido, o *Sucesso do Segundo Cerco de Diu, estando D. João de Mascarenhas por capitão da fortaleza*, de Jerônimo Corte-Real (editado em 1574), é elogiado como uma perfeita epopeia. Em sua imitação ao cerco de Troia contado na *Iliada*, Jerônimo Corte-Real narra a história do cerco que a cidadela portuguesa de Diu sofreu em 1546 e sua espetacular vitória contra uma aliança de indianos e muçulmanos. Deste modo – apesar de todas as

dificuldades e horrores da guerra, que não são omitidos – o poema exalta como cruel e ao mesmo tempo legítima a vitória do império português na Índia, dedicando-a ao rei d. Sebastião. A crueldade contra inimigos é inerente ao sucesso. É no mesmo sentido, aliás, que *Os Lusíadas* conclui também com um chamado ao rei d. Sebastião para que ele prolongue na África as conquistas dos portugueses pela expansão da fé católica e do império.

E quando digo que os horrores da guerra não são omitidos no poema de Corte-Real, refiro-me às diversas passagens em que narra, do modo mais enérgico possível, *diante dos olhos*, isto é, com todas as galas da linguagem poética, as atrocidades cometidas por fidalgos portugueses sobre as populações indianas. Basta um exemplo, no canto XV, em que se mostra o cumprimento da ordem do vice-rei D. João de Castro a Manuel de Lima – e a extensão aqui é necessária:

Manda-lhe expressamente que a mulheres,
A velhos, e a meninos não dê vida;
Mas antes crueldade em todos mostre,
Nem perdoe a idade, ou fermosura.
E para mais espanto, também manda
Que os gados, os cavalos, e éguas mate:
Para que o gram sultão sinta ver tantos
Inocentes morrer, só pola culpa
Do seu fraco juízo, e pertinácia.
Chegam à enseada em breve tempo,
Começam de fazer *uma* sangrenta
Cruelíssima guerra. Tomam trinta
Cotias que levavam mantimentos
Ao imigo arraial, e toda a gente
O Capitão mandou que fosse feita
Em pequenos pedaços, e as cotias
Desta carga mortal todas enchessem.
Os soldados com fúria se arremessam,
Àqueles que a morrer já estão julgados,
Com grande crueldade cortam membros:
As entranhas desfazem, tiram almas
Que em breve espaço vão com dor gritando
Ao reino tenebroso, fero e triste.

De um congelado, negro, e frio sangue,
Os soldados estavam todos cheios.
Rodam polos conveses as cabeças
Defuntas, em coalhado sangue envoltas,
As cotias encheram desta carga:
Polos rios as metem, publicando
A temerosa nova em toda parte.
Já só ouvem tristes prantos, e altos gritos,
Onde a funesta armada toma porto.
Corre a mísera gente sem concerto
Ajuntam-se mulheres em manadas:

[...] Um grande espanto
Nos seus corações causa o esquadrão negro
Das carniceiras aves que seguiam
A frota aborrecida, com clamores
Desconcertados, e altos, que rasgavam
As mais subidas nuvens. Constrangidas
Da dura fome, descem com gram pressa
Aqueles corpos vis despedaçados,
Armando entre si mesmas nova guerra,
Sobre a partilha vil da imunda carne.
Os tristes miseráveis alaridos,
Da gente que isto via, atroa os montes,
Todos os fundos vales, e as cavernas
Côncavas retumbavam com mil gritos.⁵

Não faltam ao poema, tampouco, perturbadoras imagens das violações perpetrados pelos conquistadores (em que penso ver um invertido eco camoniano). Permitam-me ler:

Ó caso cruel, duro e lastimoso,
Que só a lembrança dele nos inclina
E move a piedade: muitas moças
Alvíssimas, fermosas, cuja idade
Florescia em tal tempo, temerosas
Daquele grande incêndio, não sabendo
A que parte fugissem, vinham todas
Cair nas duras mãos de seus imigos,
Que acesos em furor, não nas tratavam
Co' aquela cortesia honesta, e branda,
Que por razão se deve em todo o tempo
A uns olhos fermosos, a uma graça

Onde costuma Amor armar seus laços:
Antes, de todo cegos, denodados,
Os tenros peitos abrem, e as espadas
Banham naquele puro, e limpo sangue.
A todas partes correm, tão cobertos
De abundoso suor, de espesso fumo,
De fresco, e ruivo sangue, que parecem
Figuras infernais, antes que humanas.

E após outras razias do mesmo teor, dá-se a explicação justificadora de tantas escandalosas ações:

Depois que este lugar que se chamava
Do Abexim, foi queimado, e tudo quanto
Havia dentro nele: determina
O Capitão dar fim ao que já tinha
Começado tão bem com tanta honra,
E ainda que fazia estas cruezas,
Não era por cruel, que mui benigno,
Brando, e afável era: mas cumpria
Tratar desta maneira *uma* tal gente:
Porque eram tão soberbos que daquelas,
E de outras muito mores crueldades
Tinham necessidade: porque sendo
Tratados menos dura, e cruelmente,
Levantam de contínuo novas guerras,
Dando novos trabalhos cada dia.
Assim que era muito justo e necessário
Domá-los com temor, e com força de armas.⁶

Justificadas pela virtude maior do Império e pela própria valentia dos inimigos, as violências expostas em sua magnitude pelo poema épico são a caracterização daqueles cujas “ações superiores” contam-se entre as das feras e as dos anjos: os humanos. Enquanto homens e não deuses é que os heróis da epopeia fazem escolhas difíceis, infernais; suas deliberações, muitas vezes, produzem, de modo trágico, ações que redundam em terror e piedade, como deplorava o Velho do Restelo:

Nenhum cometimento alto e nefando
Por fogo, ferro, água, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Mísera sorte! Estranha condição!

A exibição das ações espantosas levadas a cabo pelos soldados portugueses no século XVI, num épico português, em cuja língua portuguesa nos faz ouvir a voz dos feridos, constitui, ainda assim, aos governantes, um convite à imitação das ações que ali se canta.⁷ De uma epopeia extraem-se várias tragédias – conforme o ensinamento aristotélico – pois a epopeia não é composta como uma novela de cavalaria, nem uma comédia, cujo fim termina bem. Nem como um panegírico histórico, em que só cabem elogios aos reis e príncipes.⁸ Ao contrário, a grandeza e superioridade épicas exigem, de certo modo paradoxalmente, a presença de quedas, derrotas, fracassos, ferimentos, dores, faltas e erros como elementos seus constitutivos.

Nesse sentido, e adequando-se decorosamente aos novos tempos dos novos mundos descobertos, a épica moderna há de incitar a uma heroicidade algo diversa do heroísmo antigo; os inimigos a vencer serão sempre os adversários na fé e no império: muçulmanos, cafres, idólatras hindus, indígenas pagãos – os não-europeus, em suma. Em relação a eles, toda espécie de ação destruidora (“de guerra justa”, para usar um termo da época) é permitida, seja sobre homens, seja sobre mulheres, velhos e crianças. A noção central da conquista e subsequente fundação imperial é o que sempre se mantém, amplificada, fabricando heróis daqueles que estendem as fronteiras do Império, a Oriente e a Ocidente.⁹ Mas não há ilusão: suas ações se assemelham às de Eneias que, para se assenhorar da Itália e fundar o Império Romano, há de afastar a paixão e assassinar o herói Turno.

Isto é: em nome do Império (acerca do que os historiadores já expuseram o suficiente), a épica atualiza a imagem da Idade do Ferro, tal como está nos versos de Ovídio: a idade das armas barulhentas e dos machados, que cortam

árvores para fazer navios e cercar o solo que não tinha dono.¹⁰ Esta também é a imagem dos impérios ibéricos do século XVI.

Para terminar, gostaria de retornar à citação de Antônio José Saraiva dizendo que a épica se opõe assim menos ao gênero lírico do que ao pastoril, que é o lugar de uma idade do ouro paradisíaca, perdida num passado mítico, de amores e virtudes femininas. Sabemos que Camões, projetou-a numa miragem, a Ilha namorada, que n' *Os Lusíadas* surge como término e prêmio dos cansados trabalhos épicos. Aí, o pastoril não é oposto, mas é o coroamento da épica: a recompensa dos trabalhos guerreiros, a paz. Então, se a épica tem sido a história contada dos vencedores e suas guerras de dominação, gostaria de pensar que hoje, nesse início de 2023, é possível contar o início do término das barbáries cometidas contra os pastoris povos africanos, americanos e asiáticos, reconhecendo-lhes por entre as épicas o seu lugar histórico.

Obrigada.

¹ Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos, CIMEEP, da UFS

² *Estudos sobre a arte dos lusíadas*, Gradiva, Lisboa, 1992, p. 56.

³ As ações catastróficas que compõem os mitos da tragédia catalogadas por Aristóteles são: “um irmão que mata ou esteja em vias de matar o irmão, ou um filho o pai, ou a mãe um filho, ou um filho a mãe”. *Poética*, XIV, 53 b 18-20.

⁴ ALMEIDA, Manuel Pires de, “Discurso sobre o poema heróico” (fl.629).

⁵ P.237-38.

⁶ P.248-49.

⁷ ALMEIDA, Manuel Pires de. “Discurso sobre o poema heróico”, fl.633: “não persuada a desesperação, antes convide à imitação das virtudes, que propõe perfeitíssimas no herói de que se canta”.

⁸ Leia-se o episódio tal como é sucintamente narrado por Diogo de Teive na *Relação das proezas levadas a efeito pelos portugueses na Índia, junto de Diu, no ano da nossa salvação de 1546*: “[O Governador] Envia entretanto Manuel de Lima, homem de comprovada coragem e prudência e de singular fortuna nas ações que empreendia, a explorar a costa até Surate. Foram por ele capturados muitos barcos de mercadorias que carregavam provisões para Diu; em toda a sorte de seres vivos se cevou a fúria dos soldados. Ao cabo de dezasseis dias volta de novo Lima para junto do Governador, com o produto do saque”, p. 127.

⁹ Paul Firbas, “A Poetics of terminos: Lexis and Moral Geography III Ercilla's Expedition to the Extreme South in La Araucana”.

¹⁰ “A última [geração] foi a de ferro, da qual tem a dureza. De uma só vez, foi a invasão, num pior metal, de tudo o que reprovavam os deuses [...]. O navegador abria suas velas aos ventos, sem sequer os conhecer bem; e os pinhos, por tanto tempo erguidos sobre as altas montanhas, tornaram-se navios, oscilaram sobre as ondas desconhecidas. O solo, até então bem comum como a luz do sol e o próprio ar, foi demarcado em extensão de limites pelo audacioso medidor. [...] O ferro malfazejo e, mais malfazejo ainda que o ferro, o ouro, foram extraídos daí, e com eles surgiu também a guerra, e quem usa de um e de outro para combater e quem, com a mão tinta de sangue, entrechoca as armas barulhentas. [...] A piedade jaz vencida e a última das hóspedes celestes, a virgem Astréia, abandona a terra gotejante de sangue”. Ovídio, *Metamorfoses*, I, vv. 120-145.